



As sombras
sabem
para quem
aparecem

Naider Alves de Freitas

Cooperado de Oftalmologia

Éramos três em uma mesa de bar. E aquilo foi virando uma varanda às margens do oceano. Era Cassis, a luz amarela, o vinho branco, o cheiro laranja, o gosto vermelho dos frutos do mar. O mar não era vermelho, somente o gosto de seus frutos. O mar não era morto. O Mar Morto tem muito sal, da vida. Mas, ali, o sal era pouco, mas a vida, muito. Na verdade, não havia sal ali, havia apenas o sal do limão verde, que fingia ser galego. Talvez fosse um limão capeta. É, acho que era um. Pois não é esse o seu ofício, fazer gostar-se fingindo ser o que nunca foi, travestindo-se do que jamais será?

Era o mar de Cassis, sem o creme de papaia. Então, houve uma revelação: uma amiga denunciou que o outro amigo presente não tinha pele. Essa grave acusação fez a minha pele pururucar. Olhei para os lados, fiquei apavorado, reparando se havia naquele bar os tarados por torresmo. Mas lembrei que estávamos na França, e isso me acalmou. Mas esse meu olhar varredor descobriu que ali sobravam e soçobravam vampiros. Por Deus, eu não podia sangrar. Surdo é o que queria ser para tamanho absurdo. Aquilo me pegou de calça curta, fez-me sofrer, ter náuseas, me lembrei de “A Pele que Habito”, do Almodóvar, da Espanha, do touro sangrando, mas eu? Eu não podia sangrar.

Mas que diacho! Ali não era Espanha! Era França, e eu precisava ser franco, falar de minha repugnância. Se estivéssemos no outro mar da Espanha, no Atlântico, lá longe, no Atlântico, talvez essa denúncia não houvesse sido feita. Então, ficaríamos os três de bermudas, num triângulo de conversas amenas sobre naufrágios dos outros. Mas não era o caso. Havíamos ido ali, no Mediterrâneo, para um encontro pacífico. Entretanto, por um descuido desses das almas feridas, havíamos mudado o

rumo do encontro. Estaríamos tragando essências provocadoras? Algo foi dito que transformou nossa comida em sarapatel de corações. Gelei.

Ele, o amigo sem pele, nada disse. Manteve os olhos serenos, o que para mim foi redentor. Não havia raiva em seu olhar, nem vergonha, nem tristeza. Havia só anuência. Aquilo que para mim foi cortante, para ele, não era. Ufa!

Que alívio! Os seus olhos moviam-se, devagar, de um detalhe a outro de tudo que nos cercava. Parecia querer decifrar o enigma de cada objeto, de cada pessoa, de cada animal que passava, ou transmutava.

No vazio entre tudo, meu amigo sem pele, com aqueles olhos enormes, olhou o Mediterrâneo, meditava. Mas a amiga inquieta achou pouco o que já havia dito e disparou: “Ele tem olhos de mosca, muitos olhos. A tudo presta atenção. Não sabe ver a caravana passar. Quer conhecer seus motivos, sua sina, seus rumores, seus senhores”. Clamei: “Virgem Maria, acuda-nos! O que aconteceu com essa moça? Que acidez é essa?” Ela era o puro sumo do limão capeta, pensei. Nessa hora, desejei entrar num daqueles barquinhos coloridos ancorados a poucos metros dos nossos pés, soltar a corda e deixar que ele me levasse à deriva. E fiz isso intuitivamente. E escolhi o barquinho verde da esperança para passear.

Mas não precisei ir longe. Da boca do amigo sem pele escutei: “Meu filho único mora do outro lado do mundo. Eu sempre quis ter um só filho. Ele mora do outro lado do mundo. Ele é bom e lá é bom para ele. Eu o espero. Eu só, tenho um filho só, e só o espero. E eu tenho um irmão que é artista e, agora, também mora longe. Comprei uma linda escultura dele, que também estou esperando chegar. A caravana me comove pelas notícias que pode trazer, por meus afetos que pode levar. A caravana são

muitos e, assim, eu também. Ter tantos olhos me fragmenta tanto, mas aprendi a lidar com isso. Já não tento fazer emendas”. Levantou a cabeça, fixou seu olhar nos olhos dela, e, sem descuidar da ternura, concluiu: “Sobre não ter pele eu nada sei, mas experimento o sentimento asilado em tudo que você me diz”.

De vários bares à frente vinha o som de um sax que parecia feito para aquela nossa causa. Era como se aquelas notas sopradas pelo músico saíssem do seu instrumento instruídas para alcançarem uma meta, quando já estivessem devidamente prontas para isso. Lembrei-me dos fogos de artifício que saem potentes e velozes para poderem ser belos quando é chegado o momento certo. Assim vinham as notas saltitando, sendo polidas pelas arestas do vento, e sobre nós explodiam e se desmanchavam, liberando toda a beleza e essência que as formavam, todo o brilho que possuíam. Essa bruma de sons nos envolvia como se faz com um presente. E esse era o maior segredo: o presente. Presente ar.

Ela levantou-se, deu nele um cheiro e pediu perdão. Então saímos os três a procurar uma outra esquina na Savassi, quem sabe, menos inspiradora. Fomos a pé, porque barquinhos, ali, costumam a aparecer.